

A morte de um burocrata: leituras cubanas sobre a burocracia (1963-1967)

Rodrigo Tavares¹
ORCID: 0000-0002-1035-7973

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é analisar as diferentes leituras sobre o tema da burocracia no regime cubano no período 1963-1967. As fontes são os escritos de Che Guevara, editoriais e charges do jornal *Granma*, e o filme de Tomás Gutiérrez Alea, *A morte de um burocrata*, de 1966. O artigo conclui que os diferentes atores sociais têm visões diferentes do problema da burocracia e mostra como o regime cubano buscou enquadrar determinada visão sobre o filme de Tomás Gutiérrez Alea, reduzindo seu efeito crítico por meio da publicação de diversas charges no jornal *Granma*.

43

Palavras-chave: Burocracia. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. *Granma*.

¹ Rodrigo Tavares é Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2004). Possui especialização em Arquivologia pelo IEB/USP (2000) e em Tradução pelo Citrat/USP (2000). É professor adjunto da Universidade Federal do Paraná desde 2011.

Abstract: The objective of this research is to analyze the different readings on the theme of bureaucracy in the Cuban regime in the period 1963-1967. The sources are the writings of Che Guevara, editorials and cartoons of the newspaper Granma, and the film by Tomás Gutiérrez Alea, *Death of a Bureaucrat*, from 1966. The article concludes that the different social actors have different visions of the problem of bureaucracy and shows how the Cuban regime sought to frame a certain view of Tomás Gutiérrez Alea's film by reducing its critical effect through the publication of several cartoons in the Granma newspaper.

44

Keywords: Burocracy. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. Granma.

Resumen: El objetivo de esta investigación es analizar las diferentes lecturas sobre el tema de la burocracia en el régimen cubano en el período 1963-1967. Las fuentes son los escritos del Che Guevara, editoriales y caricaturas en el periódico Granma, y la película de Tomás Gutiérrez Alea de 1966 Muerte de un burócrata. El artículo concluye que los diferentes actores sociales tienen visiones diferentes sobre el problema de la burocracia y muestra cómo el régimen cubano buscó enmarcar una determinada visión de la película de Tomás Gutiérrez Alea, reduciendo su efecto crítico a través de la publicación de varias caricaturas en el periódico Granma.

45

Palabras clave: Burocracia. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. Granma.

O jovem Marx se viu envolto pela burocracia na sua vida e desenvolveu uma reflexão teórica sobre ela. Embora Weber seja o autor mais citado quando o conceito de burocracia é tratado, Marx também se preocupou com a questão e notava que o fenômeno era uma relação social que dominava os próprios responsáveis pelas decisões, e afirmava, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, que: “A burocracia tem a posse da essência do Estado, da essência espiritual da sociedade; esta é sua propriedade privada. O espírito universal da burocracia é o segredo, o mistério; guardado em seu interior por meio da hierarquia e, em relação ao exterior, como corporação fechada” (MARX, 2015, p. 66). E acrescenta, “é um círculo do qual ninguém pode escapar. Sua hierarquia é uma hierarquia do saber. A cúpula confia aos círculos inferiores o conhecimento do particular, os círculos inferiores confiam à cúpula o conhecimento do universal e, assim, eles se enganam reciprocamente” (Ibidem).

Marx nota, também, que todas as revoluções, até então, haviam aperfeiçoado a máquina burocrática em vez de destruí-la, mas acreditava que o fim dos meios privados de produção aboliria a burocracia. Assim, acabou por minimizar o aumento do número de funcionários da administração no capitalismo e não considerou a hipótese de que o fim do controle dos meios de produção pela burguesia não abolisse a burocracia (BOTTOMORE, 2001, pp. 40-41). Considerando os regimes comunistas efetivamente existentes na história, a burocracia cresceu. No movimento operário, uma das críticas recorrentes dos anarquistas ao movimento comunista era o papel da burocracia e do Estado.

O tema da burocracia não poderia deixar de estar presente na Revolução Cubana, adicionando sua especificidade. O filme *A morte de um burocrata*, de 1966, traz a visão do cineasta cubano Tomás Gutiérrez Alea sobre o problema a partir da experiência revolucionária da ilha caribenha. Sucesso de público, com 1,4 milhões de espectadores, é considerado pela crítica um dos melhores filmes da história do cinema cubano. É importante analisar *A morte de um burocrata* relacionando-o com o debate sobre o tema do burocratismo que ocorria em Cuba, especialmente nos escritos de Che Guevara e no jornal *Granma*, órgão do regime cubano. Che Guevara, em 1963, já estava preocupado com a questão, apontava suas causas e propunha uma guerra contra o burocratismo, enquanto o periódico *Granma* publicou editorial sobre o assunto e uma série de charges utilizando a figura do burocrata. Esse é o corpus documental a ser analisado.

A crítica mordaz empreendida pelo filme será analisada em diálogo com essa leitura do fenômeno empreendida por Che Guevara, em 1963, e também pela leitura textual e iconográfica feita pelo *Granma* antes e depois do lançamento do filme. Um movimento de aproximações e distanciamentos entre as visões sobre a burocracia na ilha.

A relação com Che Guevara é importante por ele enfatizar o papel da burocracia e do ardor revolucionário na Revolução Cubana. Che também dava importância aos desenhos na imprensa como forma de educar o cidadão e formar o homem novo: no movimento guerrilheiro, fez grande esforço logístico para fornecer os materiais aos desenhistas (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 90). Já Tomás Gutiérrez Alea também tem uma relação direta com as artes gráficas. Ele foi desenhista de revistas revolucionárias (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 87) e um ateliê de artes gráficas é um local importante no enredo do filme.

Che Guevara

Ao analisar a evolução histórica da burocracia em Cuba após a revolução, Che Guevara aponta o caráter guerrilheiro do movimento como razão para a repetição desse padrão na administração do Estado. Assim, um “guerrilhismo” na administração do Estado, em que só os grandes *slogans* eram seguidos e, muitas vezes, interpretados de maneiras diferentes. Já os problemas efetivamente concretos “estavam sujeitos ao livre-arbítrio de cada um dos dirigentes” (GUEVARA, 1967, p. 138).

Nesse sentido, foi “imprescindível modificar totalmente o estilo de trabalho [...] [e] organizar o Estado de forma racional, utilizando as técnicas de planificação conhecidas dos países socialistas irmãos” (GUEVARA, 1967, p. 138). Ressalta, Che Guevara, todavia, que “o burocratismo, evidentemente, não nasce com a sociedade socialista nem é um componente obrigatório dela” (GUEVARA, 1967, p. 139).

Já para analisar a situação da burocracia em Cuba, em 1963, Che Guevara (GUEVARA, 1963) apontava como causas do burocratismo a falta de “motor interno” (“a falta de interesse do indivíduo de trabalhar para o Estado [...] se baseia numa falta de consciência revolucionária ou, em todo o caso, no conformismo frente a tudo que anda mal”); a falta de organização (“sem método, boa parte dos funcionários vê como solução o pedido de mais funcionários para

resolver o problema”); e a falta de “conhecimentos técnicos suficientes para tomar decisões justas em pouco tempo, que é suprida por uma larga série de reuniões, o ‘reunionismo’” (GUEVARA, 1967, pp. 139-140). E conclui pedindo “Guerra ao burocratismo. Agilização do aparato estatal. Produção sem travas e responsabilidade pela produção” (GUEVARA, 1967, p. 142).

A questão do burocratismo estava dentro de um contexto de debate econômico vivido por Cuba naquele período sobre o modelo de desenvolvimento. Um dos assessores econômicos de Che Guevara censurou o fato de Cuba

copiar mecanicamente experiências de países irmãos [...] [e isto pareceu] um erro, não muito grave, não dos mais graves, mas um erro que freou o desenvolvimento livre de nossas forças e contribuiu a um dos fenômenos que mais devem se combater numa revolução socialista: o burocratismo (BANDEIRA, 2009, p. 544).

O debate incluía, de um lado, defensores do

cálculo econômico, ou seja, um sistema de autogestão financeira das empresas [...] [que incluía] uma firme contabilidade, o aumento dos incentivos ao trabalho, mais resoluta liberação de preços e maior descentralização da economia, ou seja, em certa medida, o restabelecimento das leis do mercado (BANDEIRA, 2009, p. 544).

Contra essa visão, Che Guevara entendia que a socialização dos meios de produção mudava a lei do valor:

defendeu a instituição de um sistema de financiamento orçamentário da indústria, centralizado pelo Estado, como a forma mais eficiente de queimar a etapa da transição para chegar ao comunismo, aproveitando os avanços existentes na contabilidade geral das empresas capitalistas, em um país pequeno, como Cuba, com boas comunicações, não somente terrestres e aéreas, mas também telefônicas e radiofônicas, o que permitia um controle contínuo e cotidiano. A centralização, para Guevara, cujo pensamento econômico pautou-se, durante todo aquele tempo, pelo anseio de desenvolver Cuba através da industrialização, significava ter uma quantidade de decisões a níveis hierárquicos superiores, uma vez que possibilitaria não apenas o aproveitamento mais racional dos recursos nacionais, como também maior racionalização de todo o aparelho administrativo do Estado, forçando a criação de unidades maiores dentro de limites adequados, que poupassem força de trabalho e aumentassem a produtividade dos trabalhadores. Este sistema único tornava todo o ministério [...] uma grande empresa, o que permitia simplificar o controle dos investimentos (BANDEIRA, 2009, p. 544).

Já o modelo soviético implicava

o estabelecimento de estímulos materiais nos quais as tendências ao burocratismo se entranhavam. Esse sistema [...] fomentando a concorrência [...] conduzia ao capitalismo do início do século, em que elas [as empresas] seriam regidas não pelos interesses sociais, mas pela rentabilidade, ou a um socialismo distorcido, marcado pela competição e não pela solidariedade. “A mim o socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa”, dizia Che Guevara (BANDEIRA, 2009, p. 545).

Luiz Bernardo Pericás (2018) discute em detalhes o debate econômico em Cuba e o papel de Che Guevara. Segundo o autor,

Os estímulos morais cumpririam, assim, o papel de criar um “espírito de grupo” e uma “consciência” da importância de cada trabalhador na construção do socialismo. Esse ímpeto revolucionário, premiado com bônus, medalhas e diplomas, seria valorizado em todo o território e induziria outros a seguir o exemplo dos proletários mais dedicados. É claro que os estímulos materiais ainda seriam necessários, tendo em vista que a nação estaria passando por uma fase de transição e lidando com homens da antiga sociedade. Mas, para [...Che Guevara], estes deveriam ser aplicados com restrições, sempre como coadjuvantes dos “morais” e eliminados aos poucos. Além disso, a prioridade teria de ser dada aos estímulos materiais de cunho social, como a ajuda a centros de trabalho que demonstrassem maior dedicação em relação ao socialismo, na construção de casas, escolas e centros de saúde, além da regulação de salários por aptidões dos proletários e oferta de melhores condições de estudo para estes aprimorarem seu nível técnico. A intenção do Che era eliminar gradualmente os incentivos materiais principalmente a partir de condições concretas, como o aumento do acesso aos bens de consumo no país. De qualquer modo, ele estava ciente das implicações de seu projeto. Em termos comparativos, para ele, mesmo não havendo uma forma de medição nem cálculos sobre esse assunto, num prazo relativamente curto o desenvolvimento da “consciência” traria resultados mais favoráveis em termos econômicos que o estímulo material (PERICÁS, 2018, pp. 154-155).

Tomás Gutiérrez Alea

Tomás Gutiérrez Alea teve, no Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), apoio para a produção cinematográfica. Ao contrário do que ocorria na URSS, o ICAIC permitia um ambiente com certo grau de

autonomia, discussão e experimentação estética. O próprio Tomás Gutiérrez Alea acreditava no papel do cinema como consciência crítica da revolução: “Alea é aqui um diretor já experiente e renomado, tanto quanto cineasta, quanto como teórico fílmico, além de um homem relevante em se tratando do debate público sobre o país e sua cultura política” (GUILHÃO, 2019, p. 84). O período é propício para a discussão, como aponta Alexandre Guilhão:

quando do lançamento de *La Muerte* [...] os revolucionários estavam no poder há sete anos. Em termos comparativos é um ano a menos do que o dobro de um mandato liberal-democrático na maior parte das democracias ocidentais. Já temos aqui críticas acirradas e inconformidades em diferentes setores da sociedade e mesmo dentro do Estado (GUILHÃO, 2019, p. 84).

Tomás Gutiérrez Alea, ao comentar sobre a origem do filme e sua agonia em relação aos problemas burocráticos, afirma:

Cheguei a um ponto em que me senti tão agoniado que tinha ânsias de ‘justiçar’ um burocrata. Tinha acumulado muitas situações de violência reprimida. Os problemas do cotidiano aumentavam e eu vivia irritado. Até que, numa noite, fui assistir a uma filmagem de Octávio Gomez e me encontrei com Hector García Mesa, que também andava se queixando. Começamos a caçoar das situações que estávamos vivendo e daí surgiu *A morte de um burocrata* (apud GUILHÃO, 2019, p. 84).

E, refletindo sobre a situação burocrática, Alea afirmava:

quando não há possibilidades, na prática, de solucionar alguns problemas, algumas pessoas começam a agir de maneira absolutamente formal. Separam os verdadeiros objetivos das formalidades, se preocupam com os resquícios externos sem resolver o fundamental. Então, prolifera a burocracia” (apud GUILHÃO, 2019, p. 85).

Com relação ao enredo do filme *A morte de um burocrata*, o “obrero exemplar” Francisco Perez tinha uma marmoraria e criou uma máquina de produzir bustos com objetivo de fazer cada família cubana ter sua própria estátua de José Martí. Após um defeito da máquina, ele acaba entrando dentro dela e vira, também, um busto. No funeral, como forma de homenagem, ele é enterrado com sua carteira de trabalho. O discurso laudatório durante o enterro é irônico e critica justamente o culto à personalidade, característico da época soviética e representado pela máquina de bustos.

Enterrado com a sua carteira de trabalho, o “obrero exemplar” deixa seu sobrinho numa situação difícil e a sequência de eventos é: o sobrinho não pode pegar a carteira – tem que fazer exumação do corpo –, mas ele só pode ser exumado depois de dois anos – abre o caixão à força e fica com o corpo – não pode enterrar porque já tinha sido enterrado como constava no livro de óbitos – precisa então de uma autorização para exumar – pede autorização – circula por diferentes mesas até conseguir, mas precisa pegar o carimbo em outra repartição, o “Departamento de Aceleração de Trâmite”.

Na outra repartição, quando chega sua vez de ter o documento carimbado, um apito marca o fim do expediente e ele não obtém a assinatura. Ele fica na repartição para conseguir o carimbo ele mesmo. Ele consegue, mas fica preso lá dentro e, na tentativa de sair, acaba ficando no parapeito. Com isso, populares achavam que ele iria cometer suicídio, o que acabou por levá-lo a um internamento em um hospital psiquiátrico, onde só é solto por intervenção pessoal de seu chefe, o senhor Ramos. Com o papel da exumação carimbado, ele vai até a repartição inicial e tem novamente o seu pedido negado pela falta de assinatura. Pede à moça que, inflexível, leva a demanda ao chefe, que diz ser impossível.

O sobrinho tenta a ajuda do senhor Ramos, mas ele está em uma casa de prostituição com uma moça da repartição e o obreiro só consegue falar com Ramos no dia seguinte, quando explica um pouco a situação, e o senhor Ramos assina sem prestar muita atenção. De posse de toda a documentação “correta”, o sobrinho acompanha o burocrata, que permite, então, a exumação do corpo. Ao ser esclarecido de que o corpo já estava desenterrado, o burocrata se irrita, e o sobrinho, também exaltado, acaba matando-o. A saúde pública acaba levando o corpo do tio, enquanto um enterro com pompa é reservado ao burocrata. O sobrinho mata o burocrata, mas acaba internado em um hospital psiquiátrico. Os diversos burocratas que aparecem no filme têm um conjunto de símbolos: escrivãzinha, óculos, papéis e, especialmente, carimbos.

As questões relativas ao capitalismo são ignoradas no filme e a burocracia é resultado e característica do sistema cubano em construção, uma crítica mordaz ao andamento da revolução. Já a leitura do jornal *Granma* é interessante por mostrar o enquadramento da questão burocrática dada pelo regime caribenho após o sucesso de público do filme.

Granma

O *Granma* é órgão oficial do regime, que surge em 1965, com a fusão dos jornais *Hoy* e *Revolution* (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 3). Cabrera e Marques afirmam que “é óbvio afirmar que não existe liberdade de imprensa em Cuba e que a imprensa transmite a posição oficial do governo” (CABRERA, 2013, p. 4). Ao pesquisar sobre o evento de Mariel, Cabrera e Marques afirmam que “os editoriais do jornal *Granma* orientaram, na maioria das vezes, as informações e ilustrações gráficas contidas em algumas revistas cubanas” (CABRERA, 2013, p. 41).

O jornal *Granma* publica, em 1967 (LA LUCHA..., 1967), após o lançamento do filme, o editorial “A luta contra o burocratismo” e descreve a burocracia como “uma instituição pura e exclusivamente burguesa”. Segundo o jornal, o “burocratismo é herança do sistema capitalista. Para poder alcançar o triunfo completo da Revolução, é imprescindível sua eliminação total e radical” (LA LUCHA..., 1967, p. 168).

O periódico faz um histórico da burocracia no caso cubano e a caracteriza como um evento capitalista associado às relações mercantis com os EUA. Com o triunfo da revolução, a burocracia, antes dispersa pelas empresas capitalistas, é, de certo modo, fortalecida ao fazer parte do Estado, e cresce, se desenvolve e se fortalece (LA LUCHA..., 1967, p. 174). A centralização empreendida pela obra revolucionária, para o jornal, acaba transformando funcionários subalternos, sem possibilidade de decisão de problemas políticos e administrativos, em pessoas que ocupam posições decisivas sobre os meios de produção. Temeroso do quadro, mas ainda culpando a herança capitalista como responsável pelo fenômeno, e não um resultado direto da própria obra revolucionária, o jornal acredita que a maneira de evitar que esses funcionários ou quadros profissionais do partido se convertam em uma classe especial está em vinculá-los diretamente com os problemas que se afrontam na produção (LA LUCHA..., 1967, p. 176).

Ao analisar o estado “burguês-terrateniente e pro-imperialista cubano” (LA LUCHA..., 1967, p. 176), o jornal afirma que ele estava corrompido até a medula pela politicagem, com cargos administrativos sendo criados para favorecer os elementos do regime. Essa situação teria levado a burocracia a se fortalecer e impregnado profundamente a mentalidade de estratos da pequena burguesia. Por conta dessa mentalidade, multiplicaram-se pelo país centros destinados à

“preparação para tarefas improdutivas”, como escolas de comércio, academias de mecanografia, secretariado comercial, entre outras (LA LUCHA..., 1967, p. 177). O editorial do jornal busca claramente enquadrar uma leitura do filme isentando o regime de responsabilidade pela burocracia na ilha. No entanto, editoriais não são muito populares e o jornal precisou utilizar outro meio para disseminar esse ponto de vista: as imagens. Além do editorial sobre o tema, o jornal *Granma* publicou pelo menos 30 charges sobre o assunto *burocracia*, e o diálogo com o filme de Tomás Gutiérrez Alea, *A morte de um burocrata*, pôde contribuir com a bibliografia sobre Cuba, especialmente o seu humor gráfico, praticamente ignorado pelos historiadores brasileiros.

Na análise das imagens no biênio 1966-1967, o elemento inicial que chama a atenção é a frequência das imagens. Sergio Miceli destaca que “a opção de privilegiar séries iconográficas em diferentes recortes, em lugar da apreciação de trabalhos isolados, foi se revelando uma estratégia metodológica rentável para um número expressivo de obras”. Embora a tipologia da documentação utilizada pelo autor seja diferente, o método é importante (MICELI, 1996, p.142). Também Rodrigo Patto Sá Motta, ao estudar charges e caricaturas, afirma: “A seleção dos temas para compor a estrutura de capítulos do livro foi baseada na incidência, ou seja, privilegiaram-se os mais recorrentes, que permitem perceber as linhas mestras do debate político... O fato de certos temas terem sido objeto de repetição e reiteração é significativo, pois isso ajuda a revelar o eixo central das polêmicas e críticas ao governo” (MOTTA, 2006, p.11). Nesse sentido, estabelecer a série de charges sobre o tema da burocracia cubana e a frequência que aparecem é importante.

No ano de 1966, antes da estreia do filme, em julho, nós só encontramos 3 desenhos com o tema da burocracia, enquanto, após a estreia, o número chega a 27. Esse dado é importante e, como veremos, tem o significado de enquadrar determinada leitura do que é a burocracia segundo o governo para neutralizar a mensagem mais crítica do filme. Já antecipando o argumento, vamos à observação atenta dessas fontes imagéticas seguindo uma ordem cronológica.

O primeiro desenho encontrado é de autoria de Pitin, Gustavo Prado Álvarez (1931-2018), e apenas mostra o contorno de um homem sentado na escrivaninha cheia de folhas de papel. Sem desenhar mais nenhum dos seus traços, o desenho de Pitin contribui para uma grande impessoalidade da função

de burocrata e já estabelece aqui um recurso gráfico que será muito utilizado, o de unir a escrivãzinha e o burocrata como uma única figura. Voltaremos a esse recurso. A charge é, então, sobreposta com um grande X, claramente criticando a figura do burocrata.

Na sequência, ainda em 1966, há dois desenhos de René de la Nuez (1937-2015) que acompanham a entrevista que ele deu ao jornal em 10 de maio de 1966, por ocasião do lançamento do seu livro: *Alli Fume, o dibujo antiburocrático* (NUEZ, 1966). Na apresentação do livro, o prefaciador afirma que

Os produtos da revolução - todos eles - chegam às massas através de processos administrativos. Isso acontece com a educação, a ciência, as artes, a tecnologia, o esporte, o entretenimento, a produção. E as massas são vítimas desses déspotas do detalhe (NUEZ, 1966, p. 11).

E explica o que entende por déspota do detalhe:

É anti-criação. É a evasão, o pretexto, o adiamento, a desculpa, a transferência, a epopeia do detalhe, a exaltação do título, a consagração da forma, do modelo, da exigência, do carimbo, do memorando, da nomeação, da espera, da consulta da cadeia, da cadeia que se rompe e reitera, como dizem certos ofícios. É a sublimação do detalhe, a hipertrofia [...] a ministerialização do escriturário. É o escriturário de terno de domingo, o chefe de gabinete de fraque, o diretor de toga (NUEZ, 1966, p. 11).

54

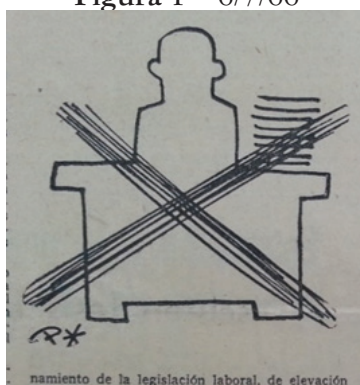
Ao concluir, coloca algumas considerações importantes sobre o livro: “Não é um livro conciliador porque não é condescendente. Fará rir as vítimas da burocracia e irritará os burocratas” (NUEZ, 1966, p. 13). Na entrevista sobre o livro, publicada no *Granma*, Nuez afirma que “A essência da temática é uma crítica à mentalidade burocrática que é [...] a mentalidade pequeno-burguesa”. Ao ser questionado se faz a crítica pela crítica, Nuez afirma que “*Criticar para danar a Revolução. Não! Crítica para levar adiante a Revolução*”.

Com essa entrevista, anterior ao lançamento do filme *A morte de um burocrata*, são publicados dois desenhos presentes no livro. Em um deles, o burocrata está novamente unido à escrivãzinha, sendo uma coisa só, com um olhar sem pupila e com um burguês saindo de dentro de sua cabeça. Essa representação é importante, pois aproxima a burocracia do capitalismo, da mentalidade capitalista, mas, embora o número de charges publicadas depois do lançamento do filme seja grande, essa representação não volta a aparecer, sendo, também, a única representação do burguês no livro. A outra imagem, publicada em conjunto com

a entrevista, mostra um cubano entregando víveres a um burocrata e recebendo um balão feito de carimbos.

Esse conjunto de três imagens já faz críticas à burocracia e utiliza elementos presentes na representação que se tornará padrão do que é ser burocrata. Antes da estreia do filme, localizamos apenas essas três charges sobre o tema.

Figura 1 – 6/7/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 2 – 10/5/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

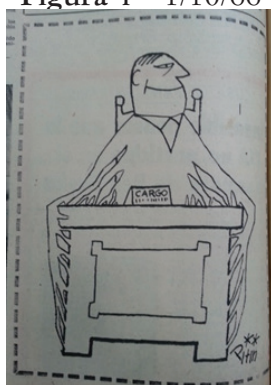
Figura 3 – 10/5/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Após o lançamento do filme, em julho, encontramos, no mesmo ano de 1966, outras duas representações de um burocrata. A primeira é de um homem sentado na escrivaninha agarrado ao cargo, representado pelo móvel. O homem, com olhar malicioso, e a escrivaninha, novamente, são uma única coisa, mas o recurso gráfico utilizado é transformar os braços do homem em galhos de árvore que fazem parte da mesma madeira da escrivaninha. O último desenho encontrado em 1966, intitulado “Canibalismo”, mostra um burocrata como um cavaleiro medieval com lança, carimbo e escudo, que é a sua mesa, e ele queima no caldeirão um trator. Essa é uma representação que vai prosperar no ano seguinte, opondo o trabalho produtivo com o improdutivo, burocrático.

Figura 4 – 1/10/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 5 – 31/12/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

O conjunto de charges sobre o tema existia em profusão, como mostra a publicação do livro, mas não era tema candente para o jornal oficial do partido antes do lançamento do filme *A morte de um burocrata*, situação que vai se alterar após a exibição do filme. Assim, em 1967, o *Granma* reproduz diversos desses desenhos publicados no livro *Alli Fume*, uma resposta contínua do regime ao

filme. O próprio Fidel Castro, dois dias depois do lançamento, fez um discurso em que criticava o burocratismo, “neutralizando a mensagem crítica do filme” (VILLAÇA, 2006, p. 135).

Nesses desenhos de 1967, a mesma caracterização do filme é usada, óculos, escrivaninha e carimbos, mas o sentido aqui é bem diferente. No filme, o sistema cubano é burocrático, enquanto, no desenho, a burocracia aparece como resultado exclusivo da ação do homem e, portanto, um inimigo interno que deve ser combatido pela revolução. Se o filme criticou o burocratismo fruto do regime instaurado na ilha caribenha, os desenhos criticam somente os burocratas, personagens que, de tanto ficarem nas escrivaninhas, fazem com que elas sejam parte do seu próprio corpo. A escrivaninha/corpo praticamente se reproduz, emergindo dela um ramo de uma nova árvore escrivaninha/burocrata, como no desenho publicado em 20 de fevereiro de 1967.

Outra diferença fundamental entre o filme e as imagens é o fato de que, no filme, é o cidadão comum que reage, enquanto, nos desenhos, há uma reação de classes sociais. No filme, a reação é intempestiva, classificada como loucura e não traz resultado, tudo continua na mesma situação. Os únicos avanços que o sobrinho consegue são por fora do sistema, pessoalmente, com a ajuda de um amigo.

Já nas charges publicadas após o lançamento do filme, os cortadores de cana reagem de maneira consciente e vencem o burocrata² Vale a pena analisar algumas dessas charges mais detalhadamente.

Figura 6 – 3/3/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

² As charges foram publicadas no jornal *Granma*, nos dias 28 de fevereiro de 1967, 20 de fevereiro de 1967 e 24 de fevereiro de 1967, respectivamente.

Figura 7 – 28/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 8 – 24/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Nas três charges acima, o trabalhador no canavial reage aos burocratas com a perspectiva de vitória. No desenho publicado em 3 de março de 1967, ele usa a cana para saltar com o seu facão para o ataque contra o burocrata; no de 28 de fevereiro de 1967, o burocrata, unido à escrivania, vira um monstro que é esfaqueado pelo trabalhador agrícola; e, no desenho de 24 de fevereiro de 1967, o burocrata aparece alheio à realidade, desfrutando da paz em cima de uma árvore, que será derrubada pelo trabalhador no canavial. Se os trabalhadores no canavial parecem ser os sujeitos preferenciais para a destruição do burocrata, também aparecem outros personagens/símbolos vencendo a burocracia.

Na charge de 7 de março de 1967, uma árvore frutífera brota do meio de uma escrivania de um burocrata, destruindo-a. No mesmo mês, no dia 16, em um desenho de Pitin, uma mulher toma o lugar do burocrata na escrivania, jogando todos os formulários e carimbos no lixo, e começa a fazer algo útil, uma bolsa. Acima desse desenho, uma placa indicava para o lado, pois é esse o caminho burocrático; nunca a resolução está naquela escrivania, e sim em outro lugar. A mulher dá

uma utilidade a esse símbolo ao pendurar uma bolsa nele. O caminho direto para a resolução dos problemas não está presente nessa representação iconográfica.

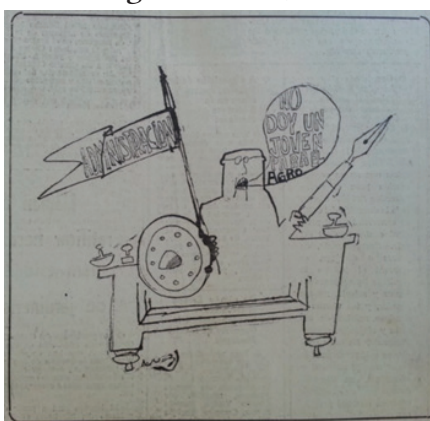
Em 4 de fevereiro de 1967, Nuez desenha um burocrata com um braço labiríntico, apontado para onde o usuário deveria seguir. Há um predomínio da visão de que a burocracia prejudica a agricultura. Na charge do dia 25 de janeiro de 1967, temos um agricultor preso à escrivaninha e o burocrata dizendo: zero à agricultura, já ao lado vemos um agricultor com um trator esmagando miniaturas de burocratas enquanto semeia. Essa é uma ideia muito forte, produzir na agricultura é derrotar a burocracia. Na charge de 7 de setembro de 1967, um burocrata diz explicitamente “não dou um jovem para a agricultura” e sua representação é a de um cavaleiro medieval com escudo e uma lança/caneta.

Figura 9 – 25/1/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 10 – 7/9/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 11 – 24/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Embora o predomínio seja pela agricultura, com representações de cortador de cana, agricultor e tratores, encontramos uma única charge no contexto fabril. Em 24 de fevereiro de 1967, o burocrata retira da fábrica um trabalhador e o indica para sentar na cadeira de um burocrata. A mensagem para os leitores do jornal parece bastante clara: se quer derrotar a burocracia, a melhor maneira é trabalhar no campo ou na cidade, pois o burocrata é inimigo do trabalho produtivo.

Uma característica do trabalho burocrático descrita pelos desenhos é a capacidade que ele tem de se multiplicar, são vários os desenhos, utilizando diversos recursos gráficos, que mostram a tendência do burocrata de se multiplicar. Em 12 de fevereiro de 1967, as escrivainhas formam uma verdadeira pirâmide da burocracia, já no dia 20 do mesmo mês, ela é aberta e, dentro, vemos vários burocratas e uma delas transformada em um veículo motorizado que vai abandonando pequenos burocratas e um deles vai regar um galho que sai de sua escrivainha, já dando novo fruto, outro burocrata. No dia 22, eles formam uma árvore de burocratas e, no dia 23, formam uma escada de burocratas.

Ao publicar todas essas charges, o jornal se apropria do discurso contra a burocracia, presente de maneira extremamente crítica ao regime no filme, e transforma em um discurso do próprio regime, anulando o lado combatente e focando na personalização da burocracia. As charges se aproximam em um aspecto do pensamento de Che ao apontarem a ênfase na produção como forma de combater a burocracia. E, nesse aspecto, o cortador de cana, Che Guevara, Tomás Gutiérrez Alea, Nuez e o próprio regime fazem leituras do burocratismo à cubana.

Considerações finais

A burocracia é um tema caro à teoria marxista e foi uma característica recorrente dos sistemas comunistas efetivamente instalados nos mais diversos países. Em Cuba, vemos uma preocupação com o problema muito efetiva de um dos principais líderes da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara. Pensando no ardor revolucionário como forma de enfrentar o problema, Che apelava para a moral comunista como uma forma de, inclusive, mudar as leis de mercado e saltar diretamente de uma fase capitalista a uma socialista em Cuba. Em vez da cópia do modelo soviético que dava incentivo ao trabalho, reconstituindo em parte a lei do valor, Che Guevara defendia uma mudança que acarretasse a própria mudança da lei de valor pela moral comunista.

Nesse contexto, é lançado o filme *A morte de um burocrata*, sucesso arrebatador de público, que criticava, de maneira bastante direta, a burocracia na ilha. No filme, a burocracia é resultado do próprio regime instalado em Cuba. Com um enredo circular, o personagem principal não consegue resolver seus problemas com a burocracia e acaba enlouquecendo.

Frente a essa crítica contundente, o regime cubano, por meio de seu principal jornal, o *Granma*, lança uma ofensiva para anular o papel crítico do filme. Essa ofensiva foi feita com um longo editorial que explica o ponto de vista do regime sobre a burocracia na ilha, atrelando-a exclusivamente ao capitalismo e uma vasta publicação de charges que ironizavam a figura do burocrata. A vasta produção de humor gráfico cubano é praticamente ignorada pela historiografia brasileira. Aqui buscamos dar uma contribuição nesse sentido ao analisarmos as diferentes visões sobre a burocracia em Cuba.

Referências

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CABRERA, Isabel, MARQUES, Rickley. Representações do Mariel nos textos e charges das revistas Bohemia e Revolución y Cultura (1980). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 8, p. 4, 2013.

FERNÁNDEZ-SANTOS, Francisco, and José Martínez. Cuba: una revolución en marcha. Paris: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

GUEVARA, Ernesto. Contra el burocratismo (1963). In: MARTINEZ, José; SANTOS, Francisco Fernandez. Cuba: una revolución em marcha. Cuba: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

GUILHÃO, Alexandre Moroso. Conflito em tela grande: os conflitos sociais e políticos em Cuba na década de 1960 através do cinema de Tomás Gutiérrez Alea. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HERNÁNDEZ, Arístides; PIÑERO, Jorge A. Historia del humor gráfico en Cuba. Milenio, 2007.

LA LUCHA contra el burocratismo pp:168-187. Editorial do jornal *Granma* 5-12 de março de 1967. In: MARTINEZ, José; SANTOS, Francisco Fernandez. Cuba: una revolución em marcha. Cuba: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Boitempo: São Paulo, 2015

MICELI, Sergio. Imagens negociadas: retratos da elite brasileira, 1920-40. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NUEZ, Alli Fume. Havana. Ediciones Union, 1966.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o debate econômico em Cuba. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018

VILLAÇA, Mariana Martins. O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991). 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.